



Leituras e correspondências no Brasil Imperial¹

Prof^a Dr^a Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERJ/IFCH

... falava-se de Comte, Spencer, Haeckel, Darwin, Hegel, Ihering, etc. Domínio, portanto do materialismo, do evolucionismo e do agnosticismo. Em literatura afirmava-se a reação contra os românticos, realismo e naturalismo na prosa, parnasianismo na poesia. Lia-se ou, pelo menos, muito se falava de Flaubert, Zola, Daudet, Maupassant, Eça de Queirós, Aluísio de Azevedo, Herédia, Gauthier, Bilac, Raimundo Correia.¹

No século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, Município Neutro da Corte concentrava o mais alto número de livrarias, bibliotecas públicas e particulares, além de um número significativo de leitores. A preferência por livros franceses e portugueses era uma marca perceptível nos anúncios de jornais e nos índices publicados por muitas bibliotecas. Havia um alto índice de autores europeus presentes nas bibliotecas particulares, nas públicas e nas citações de intelectuais cariocas. Como destacado pela epígrafe, autores europeus eram muito citados e admirados. As bibliotecas particulares eram mais visitadas ou invejadas à medida que exibiam textos mais recentes e de difícil aquisição. Geralmente formadas por profissionais, como médicos e advogados, incorporavam obras sofisticadas, e geralmente adequadas ao desempenho profissional. No entanto as chamadas Belas Letras tinham um lugar de destaque nestas bibliotecas.

¹ José Maria Bello. *Memórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958. p. 39

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A cidade do Rio de Janeiro destaca-se por possuir livrarias e bibliotecas públicas, mas eram raros os interlocutores que tivessem um domínio erudito satisfatório às demandas de alguns intelectuais. Algumas categorias sócio-profissionais concentravam papel importante dentro do poder e da burocracia da Corte, ao mesmo tempo que desenvolviam o gosto pela ampliação de seus acervos, adquirindo obras que muitas vezes nunca chegariam aos acervos públicos.

Este período foi muito importante quanto ao aumento de imigrantes para o Brasil. Havia entre eles o imigrante em dificuldades que aqui aportou, às vezes analfabeto, que encontrava novas possibilidades e suportava muitas privações iniciais para mudar seu padrão de vida. Mas havia também alguns imigrantes que rapidamente superavam estas privações iniciais e se tornavam senhores enriquecidos, muito próximos de intelectuais e políticos. Alguns setores sociais eram refratários e esse tipo de intruso que fugia aos seus padrões mínimos de exigências, mas em alguns momentos assimilaram, de forma reconhecida, as poucas exceções que ajudavam a modificar o perfil rígido de alguns grupos privilegiados. Geralmente, o imigrante apreciado era o livreiro ou editor, como Garnier, mas além dele um outro tipo se integrou ao grupo: o bibliófilo.

Dentre esses, um nome se destacou: o de Francisco Ramos Paz. Era ligado a diversas pessoas que se integravam a um grupo seletivo que chamaremos de círculo de leitores. Sua bibliofilia aproximou-o de intelectuais e políticos e exerceu um papel aglutinador muito importante nas atividades que envolviam livros e bibliotecas. A sua, particularmente, era tão conhecida e apreciada que o tornou figura de destaque para consultas e empréstimos. Nesse sentido tornou-se correspondente de Capistrano de Abreu. Nas cartas que Capistrano trocava com historiadores brasileiros e portugueses a referência a seu nome era uma constante. Por exemplo, em cartas a João Lúcio de Azevedo, Capistrano comentava freqüentemente sua preocupação com o leilão de biblioteca tão importante que poderia ser dispersa.²

² José Honório Rodrigues (org.) *Correspondência de Capistrano de Abreu*. (v. 2.). Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL 1977. p. 9-385.

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Sobre o bibliófilo há um rico acervo composto de correspondência e papéis dispersos, obras de arte, como também o catálogo que foi publicado depois de sua morte, juntamente com um suplemento, no qual se registrava a doação de todo o conjunto à Biblioteca Nacional. A medida em que as cartas iam descortinando seus correspondentes, o papel do bibliófilo no entrosamento dos membros de um limitado círculo de leitores do Rio de Janeiro.

Francisco Ramos Paz pode ser identificado como um homem que fugia aos cânones que caracterizavam os integrantes do círculo de leitores, mas que viria a atender às suas exigências, ávidos por novidades no que diz respeito ao mercado editorial. Realizou papel fundamental para o enriquecimento de vários acervos e no entrelaçar dos gostos por livros raros e de alto padrão de qualidade. Sua trajetória de vida esclareceu, por vezes, alguns aspectos nebulosos ligados ao comércio e aos fornecedores de livros raros. O círculo de leitores do Rio, esta cidade das letras, com tantas dificuldades e possibilidades, semelhante a muitas outras latino-americanas, aumentava cada vez mais seus padrões de exigência, tornando os bibliófilos cada vez mais importantes.

A atuação intelectual de Francisco Ramos Paz foi de rara importância para a formação de acervos sobre história do Brasil, sobretudo em relação às bibliotecas públicas do Rio de Janeiro. Seu desempenho, como responsável pela circulação e aquisição de importantes obras, e seu grande interesse por homens e livros, reforçaram o papel de elemento aglutinador dentro do círculo de leitores cariocas na passagem do século. Uma atividade incessante ficou registrada sobretudo por amigos, pessoas que reconheceram nele um aliado valoroso para incrementar os acervos de bibliotecas particulares e públicas, beneficiado na preservação dos próprios livros por amigos e mecenas que, de alguma forma, tornaram-se importantes na sua bibliofilia. Portanto, ele representava uma espécie de metáfora da transformação das características da vida cultural da cidade.



O nome de Paz estava entre os que graciosamente haviam oferecido obras para o enriquecimento do depósito literário da Biblioteca Nacional, como Ferdinand Denis, Franklim de Menezes Dória, José Carlos Rodrigues, Zacarias de Góes e Vasconcelos, Francisco de Menezes Dias da Cruz, José Martiniano de Alencar entre outros, elogiados pelo bibliotecário Ramiz Galvão em contraposição àqueles que, apesar de terem obrigação de fornecer obras para o depósito legal, eclipsavam-se, acobertados pelo que Ramiz chamou de fraco controle legal e desobediência às leis em vigor.³

Dois amigos colaboraram de maneira significativa na preservação da biblioteca de Francisco Ramos Paz: Capistrano de Abreu e Ramiz Galvão, este último de forma mais indireta, por ter sido poupado pelo próprio testamento de Paz. Ramiz, um médico que se dedicou mais aos livros do que à prática da medicina, foi um ativo defensor da preservação de acervos, fazendo uma espécie de ponte entre a biblioteca individual de Paz e a Biblioteca Nacional, que tinha administrado e que desejava, havia muito, ver ampliada, tornando-se depositária das mais variadas coleções. A concretização desses fatos representava uma vitória para o longo e contínuo esforço de um homem tão aplicado.

Ramiz Galvão era um bom exemplo da tradição que existia entre os brasileiros com formação de nível superior de se desviarem para atividades que necessariamente não se relacionassem com sua formação profissional específica. Destacando-se entre diversas trajetórias individuais, a biografia de Benjamim Franklin Ramiz Galvão (1846-1938) deve ser acrescida de outras informações para melhor compreensão de seu desempenho. Foi tornado Barão de Ramiz pelo Imperador devido às estreitas relações que mantinha com a família Imperial. Nasceu no Rio Grande do Sul e morreu no Rio de Janeiro, deixando registro de uma vida profícua em relação à cultura nacional.

³ BN-SOR. Benjamim Franklin Ramiz Galvão. *Relatório do bibliotecário da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1876. p. 3-4.

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Em 1870, foi nomeado Bibliotecário da Biblioteca Nacional da Corte, cargo que exerceu até 1882. Posteriormente, foi Bibliotecário-mor-honorário do Gabinete Português de leitura. Aproximou-se de Francisco Ramos Paz e das pessoas mais envolvidas com livros e bibliotecas, demonstrando sempre muita dedicação à sua atividade e concentrando em torno a si um grande número de leitores, bibliófilos e beneméritos. Era sócio fundador do Instituto dos Bacharéis em Letras, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Nacional, dignatário da Ordem da Rosa, cavaleiro da Ordem Austríaca de Francisco José e oficial da Instrução Pública na França.⁴

O período em que dirigiu a Biblioteca Nacional foi muito positivo para a instituição, tendo organizado duas importantes e celebradas exposições, uma sobre Luís de Camões e outra sobre História do Brasil, em 1881. Publicou esses catálogos, muito elogiados, e dirigiu a publicação dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Catálogo da Exposição Nacional de 1875, entre outras. Redigiu vários relatórios sobre o desempenho dessa instituição onde sempre se bateu por melhores condições de funcionamento.

Levou a efeito importante reformulação, que tornou possível, até pelo exemplo pessoal, uma atitude de seriedade que tirou a instituição de sua “torre de marfim”. Conseguiu tornar realidade as modernizações que conheceu quando viajou para a Europa, incumbido de estudar a organização da Biblioteca Nacional de Paris e do British Museum, em Londres.⁵

Dentro das relações possibilitadas pelos laços renováveis do círculo de leitores, a amizade entre Ramos Paz e Capistrano de Abreu se destacou em importância. Conheceram-se por volta de 1880 e, aproximados por gostos semelhantes, logo ficaram amigos. Capistrano também era uma espécie de migrante e tinha vindo do interior do

⁴ Ver dados biográficos em Sacramento Blake. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. (v.1). Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1883-1902. p. 395

⁵ José Honório Rodrigues (org.). *Correspondência de Capistrano ...* (v. 2). p. 66-73

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Ceará para a Corte, com 22 anos, em abril de 1875, empregando-se primeiramente na livraria Garnier. O curioso desse traço comum que envolvia um certo bairrismo na atitude de ambos apareceu implicitamente num escrito de Capistrano: a produção, em 1892, de um folheto de instrução para imigrantes, encomendado a ele pela Campanha Metropolitana, a qual adquiriu os direitos de propriedade sobre o texto. O pequeno livro era guardado e admirado pelo bibliófilo e mereceu lugar na sua biblioteca, tendo sido listado no Catálogo dos livros de Paz preparados para o leilão do acervo.⁶

A biografia de Capistrano, historiador brasileiro, tem pontos que considero relevantes para a compreensão dos debates entre ele e Paz. Saído de Maranguape, estudou em colégios de Fortaleza, depois indo para Recife sem, no entanto, cursar a Faculdade de Direito que era vontade dos pais. Uma vez estabelecido no Rio, foi professor do Colégio Aquino e, mais tarde, oficial da Biblioteca Nacional. Cada um de sua forma, os três labutavam pelas melhores condições de funcionamento da Instituição.

Capistrano, já conhecido e respeitado na Corte, apresentou-se para concurso na cátedra de História do Brasil do Colégio Pedro II, tendo sido “admitido ruidosamente”, como disse um de seus biógrafos.⁷ Na busca por fontes e raridades que pudessem aumentar o volume de documentos para sua produção historiográfica, Capistrano e Paz aproximaram-se, naturalmente, no segmento do círculo de leitores que se unia através de encontros informais que permitiam uma troca constante, fortalecida pelos laços de sociabilidade que criava. Novamente o biógrafo deixa entrever alguns traços de seu cotidiano:

... Não se contentava com o que ia descobrindo aqui, ou aqui desenterrava do esquecimento; queria que lhe viessem de fora novos testemunhos. Custeava a obtenção de cópias, fazia para isto, sacrifícios.

⁶ Apud Tancredo Barros Paiva. *Biographia Capistraneana*. São Paulo: Annaes do Museu Paulista (Separata do Tomo 4), 1931. p. 9

⁷ Ver. E. de Castro Rebello. *Capistrano de Abreu e a síntese histórica*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1956. p. 10-12

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Mobilizava amigos, procurava interessá-los em sua fúria de pesquisador
8
...

Foi, portanto, natural a intensificação de laços de amizade entre Paz e Capistrano, cujos mais importantes registros ficaram marcados na correspondência e no prefácio do catálogo que foi preparado para o leilão.

Como redator na *Gazeta de Notícias*, Capistrano de Abreu produziu para as seções *Balas de Estado*, *Livros e Letras e Recibos*, destinadas a noticiar a publicação de livros em geral, certamente lidas por grande parte dos aficcionados, o que o aproximou ainda mais daqueles que tinham na bibliofilia uma atividade importante.⁹

Paz criou os mais sólidos laços de amizade com pessoas que apreciavam livros. Passou cerca de cinquenta anos de sua vida armazenando-os; era natural que apreciasse falar deles com os outros. Aliás, conversar parece ter sido uma das suas grandes habilidades, contando viagens e tentativas de obter raridades, o que levava seus amigos a cobrarem dele que escrevesse um livro, assunto do qual habilmente se esquivava. Apesar de ter escrito artigos e opúsculos, alguns sob pseudônimo, não se interessava pela atividade.

Em 1863, sua biblioteca já era bem significativa, a ponto de sua correspondência particular revelar uma proposta de compra para que esta se integrasse a uma associação.¹⁰ Outras cartas eram bastante eloquentes quanto à real e incansável atividade do bibliófilo em relação a seus amigos ou outras pessoas por eles recomendadas, que o procuravam tentando resolver dificuldades encontradas na localização de livros.¹¹ Mas a interferência não se limitava a este tipo de problema. Era

⁸ Idem. Ibidem. p. 22

⁹ J. A. Pinto do Carmo. *Bibliografia de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1942. p. 13-15

¹⁰ Biblioteca Nacional-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Francisco Gomes do Amorim a Francisco Ramos Paz. Lisboa. 12 mar 1863

¹¹ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de João Araújo de Moraes para ... Lisboa. 10 dez 1910. Ver também carta de Henrique Campos Ferreira Lima para ... Lisboa. 9 jan 1915

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



convocado para arranjar empregos, colocações, intermediar nomeações, administrar bibliotecas e, de forma mais amena, participar de audições musicais no Cassino Fluminense, a convite de Machado de Assis.¹² O círculo de leitores e a sociabilidade nele alimentada aumentavam a cadeia de favores entre os pares.

No universo cultural da cidade, mas também do Brasil, Paz ocupou um lugar de destaque que foi logo reconhecido, inclusive no exterior. Ainda na década de 60 costumava receber cartas de livreiros, bibliófilos e colecionadores portugueses pedindo auxílio para localizar edições de livros, ajudar em novas edições e vender ou adquirir manuscritos, rotina que prosseguiu com maior intensidade nas décadas seguintes.¹³

Lendo a sua correspondência, compreende-se que seus contatos e intermediações eram produtivos na medida em que havia uma gama enorme de pessoas que, numa ou noutra ponta do comércio livreiro, aguardavam com interesse seu pronunciamento. A firma Guillard e Cia. Veuve J. P. Aillaud enviou carta para tratar da aquisição de obras de Filinto Elysio, principalmente o tomo VI do *Famoso Lusitano Dicionário Larousse* do século XIX, de Paris.¹⁴ Com certa freqüência chegavam mensagens de Roma, do Porto e de Lisboa, como no primeiro caso, algumas tratando da aquisição de catálogos e guias de museus e galerias da Europa.¹⁵ Lello e Irmãos freqüentemente mandavam cartas, ora solicitando remessas de publicações de Eça de Queiroz na *Gazeta de Notícias*, que seriam compiladas em volumes, ora autorizando a publicação de escritos do literato português nos *Ecos de Paris* e nas *Cartas da*

¹² BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Carlos Magalhães de Azeredo a ... Paris, 29 jun 1897. Carta de Joaquim José Cerqueira a ... Rio de Janeiro. 23 mar 1890. Bilhete de Joaquim Maria Machado de Assis a ... 1 out 1883

¹³ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Francisco Gomes do Amorim a ... Lisboa. 27 jul 1864. Carta de Francisco Gomes do Amorim a Mendes Leal fazendo referências a Francisco Ramos Paz na Europa. Lisboa. 14 jun 1878. Carta de José Afonso Botelho de Andrade a ... Ponta Delgada. 21 out 1881

¹⁴ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Guillard & Cia, Veuve J. P. Aillaud para ... Paris. 19 out 1880

¹⁵ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta do Padre Antônio Caetano Alves a ... Roma. 23 jan e 24 out 1880

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Inglaterra. de Lisboa, havia também correspondência de interessados na obra de Garret.¹⁶

Era natural que uma pessoa com tão bons amigos no meio cultural fosse requisitada e aceita sem distinção de origem. Ramos Paz havia se estabelecido profissionalmente e mantinha contatos comerciais com a Companhia Docas de Santos e o Banco do Brasil, sendo muito solicitado para atividades de consultoria, sobretudo naquelas que envolviam questões de orçamento. Embora possuísse prestígio e riqueza suficientes para manter suas atividades de bibliófilo, Capistrano afirmou, em sua notícia biográfica, no *Suplemento*, que Paz era um solteirão que tinha apenas o suficiente para o seu conforto e hábitos, e sua biblioteca não estava bem instalada porque ele jamais com conforto ou em casas espaçosas. Nas conversas com amigos, em diversas oportunidades, Paz dizia que poderia ter enriquecido, mas que não foi ambicioso o suficiente: “Nunca tive jeito para rico”.¹⁷

Paz era presença habitual em todos os locais em que se tratavam de livros. Amigo pessoal de muitos dos que gravitavam em torno do círculo de leitores, era convocado nas mais diversas situações para opinar e intermediar a compra, venda, empréstimos ou doações de livros. Durante a Exposição de História do Brasil, organizada pelo bibliotecário Ramiz Galvão, emprestou numerosas obras e objetos que, depois de expostos foram devolvidos por Zeferino Menezes Brun, médico que exercia importantes funções na Biblioteca Nacional.¹⁸

¹⁶ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Lello & Irmão, José Pinto de Souza a ... respectivamente do Porto, 22 dez 1990, 22 maio 1903, 5 out 1903 e 22 jun 1904. Carta de Henrique Campos Ferreira Lima a ... Lisboa. 18 nov 1913

¹⁷ BN-SOR. *Suplemento ao catálogo da biblioteca de Francisco Ramos Paz*. Adquirida pelo Dr. Arnaldo Guinle. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 1920. p. V. Ver também BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Fernando Castiço a ... Rio de Janeiro, 23 maio [1890]. Carta de Luís Eugenio Horta Barbosa a ... Rio de Janeiro, 15 fev 1891. Carta de Joaquim Saldanha Marinho a ... s/l, 3 abr 1892

¹⁸ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Cartas de Zeferino Menezes Brun (atribuição) a ... 19 jan 1882 e s.d jan 1882. Ver também Carta de Eduardo Lemos a ... tratando do Relatório da dita exposição. s.l. 14 mar 1882

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Vivia tão envolvido com livros que tê-los para si passou a ser um ato de colecionador, de “voyeur” que, no entanto, não se pretendia solitário. Entre vários outros exemplos, uma carta que lhe dirigiu Salvador Furtado de Mendonça revelou que sua lendária infalibilidade para encontrar livros, ou simplesmente arranjá-los para empréstimos.

Paes,

Procurei-te ontem na rua Direita, mas (como diria La Paline) não te encontrei.

Preciso de alguns livros.

Tens a História Geral do Brasil por Warnhagen (sic)?

Tens a Constituinte pelo Homem de Mello?

Tens os Estudos Históricos e Biográficos pelo mesmo?

Tens o Armitage?

Tens a História da Fundação do Pes^a de S^a?

Tens algum outro livro de Hist. do Brasil referente a este século? entendendo com o de d. João 6^o, ou com a ilustre progenie?

Um ou todos, os que tiveres, dá ao portador que se incumbirá de levar-m'os à casa, onde estou a mover papéis velhos, afim de dar novas de mim 6^a f^a à noite ou domingo de manhã. Se não tiveres com a do gênero que te peço, arranja-m'a no Gabinete ou algures por esta semana.

Teu amigo de coração
Salvador de Mendonça
Rio, 18 de Abril de 1871.¹⁹

O reconhecimento de suas atividades em favor das letras vincula-se ao fato de colaborar diretamente para que instituições do Brasil e de Portugal tivessem nele um ajudante atento e consciencioso. De Vianna do Castelo, um bibliotecário e secretário de liceu agradecia seus préstimos, dizendo-se honrado com o fato de um patrício seu, que deixara a pátria, ainda tivesse por ela apreço, a ponto de homenageá-la com doações de livros. Reforça os agradecimentos dizendo: “Permita V.Exa. que nesta qualidade testemunhe por este meio o reconhecimento e admiração que o pessoal deste Liceu lhe

¹⁹ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Salvador de Mendonça Furtado a ... Rio de Janeiro. 18 abr 1871

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



consagra pelo nobre donativo recebido (...) Desejava tornar esta ação de V.Exa. bem conhecida para ver se mais alguém lhe seguia o exemplo.”²⁰

Sua intervenção nas situações mais diversas do meio cultural da cidade era muito apreciada, sendo convidado para jantares, viagens, colaboração para impressão de novas obras e sua distribuição, além da localização de outras, sendo esta a mais corriqueira pelo que se pode depreender do exame de sua correspondência. Francisco Ramos Paz destacava-se como colecionador e como intermediário entre outros colecionadores e bibliófilos.²¹

Obter uma biblioteca invejável e que depois faria parte do acervo de uma instituição que tanto admirava - a Biblioteca Nacional - foi um longo percurso na vida de Paz. A fabulosa biblioteca pessoal que conseguiu organizar quase teve um melancólico fim. Não fosse a interferência de amigos - direta ou indiretamente ligados ao círculo que de alguma forma deviam-lhe o enriquecimento de seus próprios acervos e reconheciam-lhe o trabalho para a incorporação de obras especialíssimas às bibliotecas públicas - teria acabado como muitas outras, que sequer mereceram catálogo, apesar de ricas em número de livros e, quem sabe, em qualidade. Ora, uma biblioteca completa diz muito da biografia do possuidor, ou, como quer Antônio Cândido,

... a evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através desta cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa.²²

²⁰ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de José Joaquim Martins Lima a ... Vianna do Castello. 28 fev 1879

²¹ BN-SMs. Col. Francisco Ramos Paz. Convite de Francisco Pereira Passos para ... Rio de Janeiro. 12 jan 1894. Referia-se a um jantar em sua casa à Rua das Laranjeiras. Carta de Olavo Bilac a ... pedindo a divulgação do poemeto Sagres entre os seus amigos ao preço de Rs. 2\$00, para ajudar nas despesas de impressão. Rio de Janeiro. 23 mai 1898

²² Antônio Cândido. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas, 138: 82-86,1990

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A biblioteca de Paz foi melhor inventariada que outras, mas não de forma a cumprir as etapas sugeridas por Antônio Cândido. No entanto, seu biógrafo, Capistrano de Abreu, já lhe sugeriu a importância. No catálogo preparado para o leilão da biblioteca, fato que acabou não ocorrendo graças à intervenção de amigos, detalhou aspectos da vida de Francisco Ramos Paz.²³ Sua trajetória foge completamente dos perfis tratados nos capítulos anteriores. Nasceu em Portugal, em Affife, Viana do Castelo, a 26 de janeiro de 1838. Seus pais eram João Ramos Paz e Tereza de Azevedo, que abonaram-lhe o passaporte quando de sua vinda para o Brasil. Sempre comentou a partida de Porto, no brigue “Mentor”, no ano de 1850, e dizia não tê-lo feito por penúria de emigrante. A insistência dessa informação, que aparece de forma recorrente no texto de Capistrano, pode dar uma pista interessante a respeito de sua personalidade e de suas ambições pessoais, nas diversas tentativas realizadas para retirar de si mesmo o estigma de imigrante.

Os membros do círculo de leitores no Rio não restringiam seus encontros a bibliotecas, livrarias e cafés ou suas próprias casas. Nas sedes onde eram organizados os jornais e periódicos os amigos mais próximos deste círculo podiam discutir e trocar idéias que não se restringiam a temas científicos e sofisticados. *O Diário do Rio*, por exemplo, era um dos pontos de encontro prediletos de Paz, que o freqüentava quase todas as noites como se fosse redator. Continuava, também, dando sua contribuição a vários jornais e opúsculos e, durante a chamada “questão religiosa”, foi o braço direito de Saldanha Marinho na campanha através da imprensa.

Mas não ficava só no Rio. Viajava pela Europa, América Latina, Oriente Médio e era um correspondente assíduo de Capistrano de Abreu, do qual recebia numerosas encomendas e tarefas para localizar e trazer manuscritos, livros, catálogos. Entre os anos de 1880-1909 mantiveram hábitos de missivistas e comentavam viagens, preferências literárias e trocas de encomendas. Capistrano solicitava obras para si, para os amigos e para a Biblioteca Nacional, deixando claro que suas solicitações diziam respeito a todos, às vezes indistintamente. Acrescentava pedidos minuciosos:

²³ BN-SOR. *Suplemento ao Catálogo ...* p. III-VI

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



My dear,

Um rio-grandense com quem me dou, Amaro da Silveira, deseja publicar no dia 20 do corrente um folheto comemorativo da guerra dos Farrapos.

Ao texto, que já está completo, deseja juntar retratos de Bento Gonçalves, Neto, Canabarro e Garibaldi. o 1º e o 4º ele possui, mas faltam-lhe o 2º e o 3º.

Ele pergunta se pode emprestar-lhos para que Angelo Agostini os copie? Na Biblioteca não há senão os seus; por isso é que viemos incomodá-lo.

Adiós.

Bien à vous,

J. Abreu ²⁴

E em outra, escrita em 16 de novembro de 1897, do Rio:

(...) Agradeço-lhe seus amáveis oferecimentos e, para começar, far-lhe-ei dois pedidos: 1º, veja se obtém para a Biblioteca Nacional um catálogo de Fernando Palha; 2º, que há de relativo ao Brasil na livraria de Carvalho Monteiro? (...) Pretendia ir a São Paulo em janeiro, mas vejo que é quase impossível. Para quando sua volta? Estará disposto a esperar na Europa pela exposição de 1900?...²⁵

Paz demonstrou ser um “farejador” nato de documentos e obras raras. Deu mostra de dedicação no caso do resgate da biblioteca de Gomes de Amorim, a qual restituiu ao futuro biógrafo de Almeida Garret. Contavam-se várias histórias de suas “caçadas bibliográficas” e seus amigos apreciavam muito o esforço que dispndia, quando instigado a localizar alguma obra rara especialmente difícil. Criticava alguns modismos, mas gostava de freqüentar, com os amigos, bares e cafés, e tinha uma atitude saudosista em relação ao desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro. Apesar da experiência em jornais, não lhe aprazia escrever, mesmo tendo “cometido”, junto com outros, a tradução do livro de Ribeyrolles. Nem mesmo deixou registradas as narrativas de viagens que tanto gostava de comentar nas conversas. Sua bibliofilia já bastava para

²⁴ José Honório Rodrigues (org.). *Correspondências de Capistrano ...* (v. 1). p.5.

²⁵ Idem. *Ibidem*. p. 11-12

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



destacá-lo entre os demais. Seu próprio biógrafo, Capistrano de Abreu, relatou um grande momento de reconhecimento público de sua pertinência:

Como colecionador Francisco Ramos Paz revelou-se ao público na Exposição de História e Geografia do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional de 1881. Os extremos até onde o levou a diligência mostram o catálogo de seus livros e o dos objetos de arte já dispersos em leilão. Durante mais de meio século dir-se-ia não fez senão colecionar, se a conquista do pão, os deveres a que não sabia nem queria fugir, não lhe deixassem apenas os momentos de sobras para cevar a paixão.²⁶

No período em que começou a reunir seu acervo, Paz encontrou grande facilidade na tarefa, devido à falta de interesse objetivo que havia em torno de impressos, manuscritos e livros raros no Brasil. O conceito de livros raros ainda não estava definido, a seu valor de mercado não era considerado de forma profissional aqui, fato que pode ter facilitado ou diluído os investimentos de Paz no setor. Na Europa, no entanto, a febre pelos incunábulo vinha como uma tendência, e já havia várias publicações sobre livros raros, censurados ou proscritos. Houve iniciativas, como a do governo prussiano e da Comissão Prussiana de Educação, pela catalogação completa das obras raras. Essa Comissão, a partir de 1904, iniciou a publicação de um catálogo - *Gesamtkatalog* - sobre livros impressos no século XV.²⁷ Outras publicações européias sistematizavam as indicações de livros recolhidos, proibidos ou raros. De qualquer forma, Paz era saudado pelos amigos como um pioneiro, o que se pode chamar, atualmente, de “produtor de objetos culturais”, uma vez que contemplava a todos os membros dos pequenos círculos sociais que freqüentava com ícones muito caros ao mesmo grupo - livros, documentos e outras pequenas raridades.

²⁶ BN-SOR. *Suplemento ao Catálogo* p. VI

²⁷ Outras referências importantes sobre obras raras fazem parte do texto mimeografado: Ana Virgínia Pinheiro et al. Fontes para a pesquisa bibliográfica de obras antigas e/ou raras. In: *Manual de Catalogação do Subprojeto Integração do Acervo Histórico*. Cely Pereira (coord.). Subordinado ao PLANOR, sob a coordenação de Esther Bertoletti. 1984. Foi atualizada na coordenação de Maria Celeste Mendes (1988). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 1988. Mimeo.

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Dessa maneira, Paz foi aos poucos formando a sua biblioteca e colaborando diretamente com diversos intelectuais para a ampliação de outras, além de imprimir um ritmo significativo nas suas pesquisas para o enriquecimento do acervo da Biblioteca Nacional. Mesmo fazendo uma espécie de hagiografia na apresentação de Paz no Catálogo, Capistrano nos coloca frente a frente com um personagem contraditório, profundamente ligado a questões como livros, manuscritos e objetos de arte, mas sem cuidados elementares para conservá-los, o que exigiu de seus futuros testamentários um árduo esforço sistematizador.

Apreciador de leilões, Paz colecionou também, através deles, magníficos conjuntos de objetos incorporados ao seu acervo. Ao longo da vida, acumulou grande quantidade de obras raras, mas por não ter tido bibliotecário e ter sido um generoso “emprestador” de livros, provocou alguns desfalques e tornou seu acervo de difícil sistematização. Deixou cerca de 11.000 obras agrupadas de forma apenas intuitiva, o que representou um grande esforço para os organizadores do catálogo. Caso o levantamento fosse feito dentro de um rigor mais absoluto, os números totais do acervo se elevariam para 30.000, incluindo-se documentos, folhetos, notas e juízos críticos.²⁸

A participação de Paz em leilões ocorreu tanto em nível local quanto internacional. Seus contatos com estudiosos, escritores e literatos muito alargaram seus conhecimentos. Nos períodos em que esteve na Europa conseguiu captar importantes obras para seu acervo e para suprir pedidos. Além de Capistrano, correspondia-se com Oliveira Martins e com membros da Academia de Ciências de Lisboa. Participava do Grande Oriente do Brasil, na sede do Lavradio, e suas relações com as casas maçônicas foram muito importantes para suas atividades.²⁹

Sua atuação como doador era muito destacada. Há numerosos registros dela, além da menção feita no Relatório de Ramiz Galvão. Ao Instituto Histórico e

²⁸ BN-SOR. *Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz*. Adquirida pelo Dr. Arnaldo Guinle. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio de Rodrigues & Cia., 1920. Passim

²⁹ BN-SOR Cassius Berlink. Nota Explicativa In Catálogo da Biblioteca ... Passim

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Geográfico Brasileiro ofereceu livros, uma série de folhetos, discursos e conferências sobre a questão religiosa, juntamente com o *Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil*.³⁰ Sua ligação com o Gabinete Português de leitura ultrapassava os limites de uma ajuda temporária, envolvendo-o em diversas atividades administrativas e de trabalho efetivo para a concretização da nova sede.³¹

Esses contatos também influíram para que as instâncias de Capistrano não caíssem no vazio e não ocorressem insucessos semelhantes àqueles que permitiam a existência de leilões sucessivos no Rio. Capistrano recebera um voto de confiança do amigo e naturalmente não gostaria que a biblioteca fosse leiloada a retalhos. Seu fracasso nesse empreendimento seria uma perda afetiva. O recurso a um mecenas foi um gesto importante num momento em que diversas bibliotecas riquíssimas tinham seus acervos oferecidos por comerciantes em anúncios na imprensa. A correspondência de Capistrano está eivada de lamentações nesse sentido, com grandes momentos de incertezas, principalmente pela recordação da recente dispersão do acervo de Eduardo Prado.³²

Em vida, porém, muito se utilizou Paz dessa fonte para ampliar suas posses bibliográficas. Seu acervo de coleções de jornais em volumes encadernados - muito frequentes nestes leilões - permitiu que muitas crônicas e textos de autores portugueses e brasileiros fossem acessados com alguma facilidade. Até Capistrano de Abreu tinha alguma expectativa quanto aos volumes que poderia selecionar pessoalmente entre os livros de Paz, declarando que o único que desejava era o conjunto de seus textos, publicados na imprensa, que sabia reunidos pelo amigo. Em muitos dos leilões divulgados pelo *Jornal do Commercio* era comum a inclusão de antigos números

³⁰ RIHGB. Rio de Janeiro, 37: 401-407, 1874. Doação registrada na sessão de 3 jul 1874

³¹ BN-SMss. Col. Francisco Ramos Paz. Carta de Eduardo Lemos a ... s.l, 24 ago s.d

³² Ver principalmente a correspondência de Capistrano de Abreu com Paulo Prado In: José Honório Rodrigues (org.) *Correspondência de Capistrano ...* (v. 2) Passim. Outras importantes referências sobre o tema: Nanci Leozzo. *O "mundo elegante" de Eduardo Prado*. Tese de livre-docência apresentada à Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989. Da mesma autora, Livros e leitores no Brasil monárquico. *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas, 20 (132): 292-305, out-dez 1988

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



de jornais encadernados.³³ Sua compulsão de colecionador não se restringia a obras caras ou raras; durante anos recolheu os exemplares da Gazeta, que publicavam textos de Eça de Queiroz e, mais tarde, a integralização das obras póstumas deste autor só foi possível pelo fornecimento, “franca e desinteressadamente”, de todos os números que possuía do jornal para esse fim.³⁴ No entanto, pelas instruções que deixou ao morrer, não apreciaria a realização de um leilão a retalhos para seus livros.

As leituras realizadas por categorias sócio profissionais, bibliófilos e homens de letras podem ser estudadas tendo como base suas bibliotecas, seus escritos e a correspondência que muitas vezes aparecem preservadas e são uma rica fonte para identificar as leituras preferidas, por amor explicitamente declarados.

³³ BN-SOR. *Catálogo da biblioteca* .. Ver sobretudo o item II - Col. Factícias. p. 139-188

³⁴ BN-SOR. *Suplemento ao Catálogo* ... p. VI

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002